

Judeus por opção: a conversão ao judaísmo desde os tempos bíblicos até nossos dias¹

MICHEL SCHLESINGER

Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo. Realizou estudos no Seminário Rabínico Schechter, em Jerusalém, onde recebeu sua ordenação rabínica e também seu título de mestrado em *Talmud e Halachá* (Lei Judaica). Integra o rabinato da Congregação Israelita Paulista.

Traduzido do hebraico por Uri Lam

RESUMO O principal objetivo deste artigo é enriquecer o debate sobre um tema controverso e repleto de preconceitos. Busca-se entender o que significava a conversão durante os períodos bíblico e talmúdico e o que se pode aprender daquela época para os nossos dias. Esses períodos foram escolhidos como referência porque o material então escrito, principalmente a *Mishná* (compilação das discussões rabínicas realizadas entre 50 aEC até 250 EC, escrita em hebraico na Judeia) e a *Guemará* (discussões sistemáticas da *Mishná* ocorridas entre 250 EC até 550 EC, escritas em aramaico na Babilônia), tornou-se a fonte para todo legislador judeu e pesquisador de qualquer geração. Por fim, também se empreende uma análise das atitudes reformista, conservadora e ortodoxa no que diz respeito à conversão, a fim de se entender os procedimentos contemporâneos e aprender quais os passos que devem ser dados para aperfeiçoar esse processo.

PALAVRAS-CHAVE Judaísmo, *Talmud*, conversão, Torá, Judaísmo Reformista, Judaísmo Conservador, Judaísmo Ortodoxo

ABSTRACT The main objective of this paper is to enrich the debate on a controversial and full of prejudices subject. Searching to find out what conversion meant during the biblical and Talmudic periods and what can be learned from that era to our days. These periods were chosen as reference because then written material, especially the Mishnah and the Gemara, became the source for all Jewish legislators and researchers of any generation. Finally, it is also undertaken an analysis of reformist, conservative and orthodox attitudes in respect to conversion, in order to understand the contemporary procedures and to learn what steps should be taken to improve this process.

KEYWORDS Judaism, Talmud, conversion, Torá, Reform Judaism, Conservative Judaism, Orthodox Judaism

A conversão ao judaísmo através da História

Durante o período bíblico, converter-se ao judaísmo significava unir-se a um povo ou se tornar cidadão de um Estado. O aspecto religioso vinha como uma consequência natural de pertencer ao novo grupo. Hoenig (1965) diferencia os termos *naturalização*, que significa tornar-se cidadão de um Estado nacional, e *proselitismo*, aceitar a adesão a uma crença religiosa diferente. Neste sentido, durante o período bíblico, a naturalização era muito mais comum do que a conversão religiosa, e o desejo de atrair todo ser humano para dentro da órbita religiosa não era amplamente aceito. A atividade organizada na busca de novos judeus não fazia parte do padrão religioso antigo.

Segundo Cohen (1999), no período bíblico, a descendência de um casamento misto entre um israelita e um não israelita normalmente era julgada conforme o *status* do pai. A situação do filho, no caso de um matrimônio entre uma mulher israelita e um homem não israelita, dependeria do clã. Se o pai aderisse ao clã da mãe através de matrimônio matrilocal, o filho seria considerado israelita. Entretanto, em geral a mãe aderiria ao clã do patriarca do clã e, assim sendo, apesar de ter uma mãe israelita, o filho não era considerado israelita.

A referência em Isaías 56:3 “E não diga o *filho do gentio que se uniu ao Eterno*: ‘O Eterno fez diferença entre eu e Seu povo’; e não diga o eunuco: ‘Eis que sou uma árvore seca’” indica que, já na Babilônia, no Exílio, muitos haviam sido atraídos para o judaísmo. Uma vez que o povo judeu vivia em uma terra estrangeira, ser judeu não significava integrar-se a um grupo nacional, mas mudar de religião.

No ano 536 aEC, parte do povo deixou o Exílio e voltou da Babilônia, o que marcou um ponto de virada na história judaica. A noção anterior de que Deus era somente Deus da Judeia foi abandonada. Durante o Período do Segundo Templo de Jerusalém, um indivíduo poderia se tornar judeu na Diáspora mesmo sem nunca ter estado na Judeia. A conversão foi dissociada de seu sentido nacional anterior, e o desejo de trazer tantos gentios quanto possível para o judaísmo se tornou uma preocupação para muitos.

Durante a reconstrução do Templo de Jerusalém, na época de Esdras e Neemias, foram feitos grandes esforços para se evitar casamentos entre judeus e não judeus. Os dois profetas exigiram que os judeus deixassem suas esposas pagãs em favor do Estado judeu recém-reorganizado e da fé judaica revitalizada. Isto prova, aparentemente, que não existia a possibilidade de converter estas esposas pagãs ao judaísmo e que a única solução que Esdras conhecia para o problema do casamento misto era exigir a sua expulsão. Segundo o rabino Tuvia Friedman (1992, p. 129), “um Esdras mais recente as teria convertido tal como é a prática hoje em dia em Israel no caso de um número sensivelmente alto de judeus russos que chegam com esposas não judias”.

De acordo com Hoenig (1965, p. 35), havia vozes potentes em favor da conversão, tais como o Livro de Rute, que apresenta o Rei David e o Messias como descendentes de uma matriarca convertida, e o Livro de Ester, em cujo clímax muitos não ju-

deus decidem se unir ao judaísmo. Friedman (1992, p. 129) também vê o Livro de Ester como prova de que já havia sido estabelecido um ritual de conversão no século 4 aEC. Porém, Rute não é um exemplo de conversão. Como mulher, uniu-se ao povo de Israel ao se casar com Boaz e, mesmo após o matrimônio, sua condição de estrangeira permaneceu. O Livro de Ester não precede muito o período dos hasmoneus e, posteriormente, recebeu diversas inclusões. Além disso, as pessoas só professavam serem israelitas ou fingiam se tornar judias para salvar suas próprias vidas. Embora seja possível ver os primórdios da ideia de que alguém poderia se unir ao povo de Israel por acreditar no Deus de Israel, não é possível, contudo, falar sobre conversão de fato.

Os Papiros Elefantinos de Yeb (Assuan), onde se encontram nomes judaicos em contratos matrimoniais, indicam que muitos aderiram ao judaísmo em outras comunidades da Diáspora (HOENIG, 1965, p. 35).

Um importante fator que contribuiu para a ampliação do número de conversões ao judaísmo foi a expansão da Judeia por meio das vitórias militares do hasmoneu e sua consequente elevação para um lugar proeminente entre as nações do Oriente Próximo. Durante o reinado do governador hasmoneu João Hircano (135-104 aEC), a nação inimiga dos idumeus foi forçada a se converter após ser conquistada. É possível interpretar o Salmo 118 como uma referência a este evento.

(י) כל גוים סבבוני בשם יקוק כי
אמילם : (יא) סבוני גם סבבוני בשם
יקוק כי אמילם : (יב) סבוני כדבורים
דעכו כאש קוצים בשם יקוק כי אמילם.

10 Todas as nações irão me sitiar; em nome do Eterno, porém, *amilám* (os cortearei/os forcearei a serem circuncidados). 11 Irão me cercar e nova-

mente me sitiar; em nome do Eterno, porém, *amilám*. 12 Irão me cercar como abelhas e desvanecerão como espinhos no fogo, pois, em nome do Eterno, *amilám*.

A palavra *amilám*, normalmente traduzida como “eu os cortarei”, foi interpretada neste caso como “eu os forcei a serem circuncidados”. O hasmoneu Alexander Yanai (103-76 aEC) massacrrou os moabitas pela recusa destes a se submeterem à conversão. As conversões forçadas, muito atípicas na história judaica, foram atacadas com severas críticas pelos escritos talmúdicos.

O período helênico marcou o início das atividades de conversão. Os judeus se mudaram para muitos lugares fora da Judeia em decorrência das conquistas de Alexandre o Grande. Houve muitos casos de judeus que se casaram com mulheres gentias que decidiram aceitar a religião de seus maridos. O filósofo Filo de Alexandria e o historiador Flavius Josefus escreveram sobre a forte influência do judaísmo e suas leis desde as populações não judias do Egito às cidades gregas no primeiro século da Era Comum.

Durante o reinado de Domiciano, ao final do século 1 EC, as conversões ao judaísmo passaram a aumentar sensivelmente. A Septuaginta, a tradução grega da Bíblia no século 3 EC, ajudou a difundir os ensinamentos do judaísmo em Alexandria e possibilitou a comparação entre os profetas e as escritas dos autores gregos e romanos clássicos. O crescimento das sinagogas na Diáspora e a expansão da literatura helênica sobre a inferioridade do paganismo e a glória do judaísmo foram outros agentes de conversão.

Áquila, membro da família real romana, que traduziu a Bíblia do hebraico para o grego no século 2 EC, é um dos mais famosos convertidos ao judaísmo. O imperador romano Adriano suprimiu

a religião judaica após a malsucedida revolta de Bar Kochbá (132-135). Apesar de seus muitos decretos, como a proibição da circuncisão, os sábios continuaram a estimular a conversão.

Entre os fariseus e os saduceus havia visões conflitantes sobre o tema do proselitismo. Enquanto os saduceus, aristocráticos e da casta sacerdotal, consideravam-se parte de uma “raça pura” e se opunham à entrada de novos correligionários ao judaísmo, os fariseus queriam afastar os gentios da idolatria e demonstravam entusiasmo em trazer novas almas para o mundo monoteísta “sob as asas da Presença Divina”. Segundo Hoenig (1965, p. 40-41), estas visões conflitantes entre fariseus e saduceus e até mesmo entre os próprios fariseus podem ser inferidas das diferentes histórias de Hilel e Shammai e suas opiniões divergentes sobre conversão ao judaísmo. Os saduceus enxergavam não apenas os sacerdotes, mas todo o povo judeu, como membros desta “raça pura”.

Na época posterior à destruição do Templo, há alguns relatos de conversão em massa de nações que aceitaram o judaísmo, como os kazares e as tribos da Arábia do Sul. Lentamente, a conversão foi cristalizada como a aceitação de indivíduos à religião judaica. Depois que o cristianismo se tornou a religião oficial do Estado Romano, a conversão ao judaísmo tornou-se crime² e as atividades proselitistas judaicas entraram em declínio. Ao mesmo tempo, a situação dos judeus melhorava continuamente em terras orientais, na Babilônia e nos países árabes. Apesar das muitas dificuldades, o desejo do judeu de trazer outros para a sua fé nunca morreu.

A cerimônia no Período Talmúdico

Pode ter havido um influxo de convertidos ao judaísmo a cada ano logo antes de *Pessach* (festa que comemora a saída dos israelitas do cativo egípcio).

cio) por conta do mandamento bíblico de que os incircuncisos não podem participar no sacrifício pascal. Este era um feriado bastante festivo que chamava a atenção de muitos gentios.

Provavelmente o primeiro ritual de conversão era constituído somente pela circuncisão. Esta é a única exigência que encontramos na Bíblia para quem queira se unir ao Povo de Israel. As mulheres se tornavam parte do povo quando se casavam com um marido judeu, sem qualquer ritual de conversão. Nenhuma fonte do Período do Segundo Templo se refere à imersão como ritual de conversão para homens ou mulheres. “Não há dúvida de que o surgimento da imersão como ritual de conversão deve estar conectado com a emergência da possibilidade de que as mulheres também pudessem se converter ao judaísmo, não apenas por matrimônio com um cônjuge judeu, mas por seu próprio direito.” (COHEN, 1999, p. 223)

Na *Tossefta*, encontramos a opinião da Casa de Hilel segundo a qual quem já tivesse sido circuncidado não precisava passar por outro ritual para se tornar judeu. No *Talmud* Babilônico, esta também é a opinião do tanaíta (sábio da época da *Mishná*) Rabi Eliezer, que acredita que depois, da circuncisão, o indivíduo já é um *guer* (termo hebraico que define aquele que se converteu ao judaísmo)³. Alguns estudiosos acreditam que a imersão ritual foi instituída tardiamente.

No período do Templo, os homens convertidos tinham que ser circuncidados e levar um sacrifício para o *Mikdash* (santuário). Em estado de pureza ritual, o prosélito tinha que levar o sacrifício ao santuário pessoalmente. Após a destruição do Templo, deixou-se de se exigir que o convertido fosse a Jerusalém. Em vez disso, ele tinha que separar algum dinheiro para ser usado na reconstrução do Templo. Mais tarde, a exigência do dinheiro foi completamente abandonada.

Durante os períodos bíblico e talmúdico, havia na sociedade judaica um sistema de castas. Durante o Período do Segundo Templo de Jerusalém, o *guer* tinha um *status* diferente dos demais judeus. No *Talmud* há quatro gradações de judeus: Cohen, Levi, Israel e *Guer* (convertido). Havia certas comunidades nas quais os convertidos eram excluídos do exercício de um cargo público. Há discussões sobre se os prosélitos poderiam servir como juízes em casos civis ou criminais. O *guer* não estava no topo da sociedade judaica desses períodos. Apenas a linhagem dos filhos do convertido era considerada completamente judia. Aprendemos isto do fato de que um sacerdote pode se casar com a filha de um convertido, mas não com uma convertida. Não obstante, havia um desejo de desenvolver uma atitude favorável em relação ao prosélito. Isto pode ser ilustrado pela excomunhão de Akabiá ben Mehalalel por ter insultado Shemaia e Abtalion, descendentes de convertidos⁴. Conta-se que Rabi Iehuda bar Ilai aceitou como judeu uma pessoa que veio a ele e disse que havia se convertido por si mesmo (HOENIG, 1965). Isto mostra o quanto os sábios eram muitas vezes lenientes ao lidarem com os convertidos. Neste caso, não foi exigida nenhuma prova da conversão.

Com o surgimento do cristianismo, os rabinos passaram a insistir em um maior cumprimento da Lei em vez da mera aceitação de teologia e ética. A razão para isto é que os sábios queriam estar seguros de que o convertido entendia e aceitava a fé original e genuína em um tempo em que se tornara mais difícil reconhecer verdadeiros prosélitos ao judaísmo. A postura rabínica mais estrita era um mecanismo protetor e um filtro para se reconhecer quem desejava, com sinceridade, aderir ao judaísmo.

Cohen (1999) faz uma meticolosa comparação entre a cerimônia de conversão descrita no *Talmud* nos Tratados *Ievamot*⁵ e *Guerim*⁶. De acordo com

a sua análise, a versão de *Guerim* veio para somar elementos que não estavam presentes na primeira versão. A *beraita* (citação de material da época da *Mishná* dentro do texto da *Guemará*) em *Ievamot* não se preocupa com o estado espiritual do convertido. A cerimônia não faz referência a Deus nem à eternidade da Torá (Pentateuco). Não há nenhuma negação da religião anterior da pessoa, não se faz qualquer revisão da história dos israelitas, tampouco há alguma oração. Além disso, não há participação da comunidade em qualquer parte da cerimônia. Cohen vê esta cerimônia como um veículo para regularizar, formalizar e “institucionalizar” as conversões. Por outro lado, a versão em *Guerim* vem para estabelecer o primeiro texto e para inserir muitos dos elementos que faltavam. Aqui é possível reconhecer a cerimônia de conversão como um ritual de iniciação no qual as preocupações espirituais e teológicas são evidentes.

As diferentes atitudes dos sábios diante da Conversão e do Proselitismo

Pode-se encontrar um espectro muito extenso de atitudes entre os escritos de *Chazal* (acróstico do termo “Nossos sábios, de abençoada memória”). Por um lado, há uma atitude muito positiva representada por aqueles que estimulam a conversão e fazem todo esforço para fazer com que um convertido ou uma convertida sinta orgulho por sua decisão. No entanto, ao lado destas, encontramos diversas referências negativas ao convertido, em particular, e à conversão, em geral. Pode-se dizer que a literatura tanaítica (da época da *Mishná*) exibe uma abordagem muito positiva e favorável à conversão. Em contrapartida, os *amoraim* (sábios da época da *Guemará*) demonstram maior hostilidade ao proselitismo. O objetivo deste capítulo é exemplificar ambos os lados extremos do espectro.

Começa-se pela atitude positiva em relação à conversão que pode ser encontrada, por exemplo, em *Pirkê Avot* (Ética dos Pais) 1:12. Hilel, chefe do *Sanhedrin* (Sinédrio), entre os anos 30 aEC e 10 EC, declarou o seguinte:

הלל אומר הוי מתלמידיו של אהרן אוהב
שלום ורודף שלום אוהב את הבריות
ומקרבן לתורה.

Hilel diz: Seja como os discípulos de Aarão: ame a paz e busque a paz, ame as criaturas e aproxime-as da Torá.

O termo *criaturas* (*briot*) em vez de *judeus* junto à expressão “aproxime-as da Torá” pode estar conectado aos esforços de conversão. Muitas histórias sobre Hilel no *Talmud*⁷ sublinham a sua abordagem positiva em relação aos convertidos. Lemos no *Midrash Tanchuma*⁸:

אמר ריש לקיש: חביב הוא הגר
שנתגייר מישראל בעמידתן על הר סיני. למה? לפי
שאיילולי שראו קולות וברקים וההרים רועשים וקול
שופרות, לא היו מקבלים את התורה - וזה שלא ראה
אחד מהם, בא והשלים עצמו להקב"ה, וקיבל עליו
מלכות שמים. יש לך חביב מזה?

Disse Resh Lakish: O *guer* que se converteu é mais querido do que Israel quando se apresentou diante do Monte Sinai. Por quê? Caso não tivessem testemunhado os trovões e os relâmpagos, o tremor das montanhas e o som dos shofares, [Israel] não teriam aceitado a Torá; e este que não testemunhou nenhum deles, veio e se entregou ao Sagrado, Bendito Seja, e aceitou sobre si a Soberania Celestial – você conhece algo mais querido do que isso?

Este tipo de ditos positivos também está presente no tratado pós-talmúdico de *Guerim*⁹:

חביבין הגרים שבכל מקום הכתוב מכנה אותן
 כישראל, שנאמר ואתה ישראל עבדי יעקב וגו'. (...)
 חביבין הגרים שלא מל אברהם אבינו לא בן עשרים
 ולא בן שלשים אלא בן תשעים ותשע שנה, שאלו מל
 אברהם בן עשרים או בן שלשים לא היה גר שנתגייר
 מן עשרים שנה ומעלה או מן שלשים שנה ומעלה,
 אלא שהקדוש ברוך הוא היה ממשמש עמו ובא עד
 שהגיע לתשעים ותשע שנה, שלא לנעול דלת בפני
 הגרים, ולתת ימים לשבים, ולהרבות שכר לעושי
 רצונו, שנאמר ה' חפץ למען צדקו יגדיל תורה ויאדיר.

Os convertidos são tão queridos que, em todo lugar, as Escrituras os chamam de Israel, conforme está escrito (Isaías 41:8): "E você Israel, meu servo Jacob" e assim por diante. (...) Os convertidos são queridos, pois Nosso Patriarca Abraão não se circuncidou aos vinte nem aos trinta anos, mas aos noventa e nove anos, porque, caso Abraão tivesse se circuncidado aos vinte ou aos trinta anos, não haveria guer que se convertesse dos vinte anos em diante ou dos trinta anos em diante. No entanto, o Sagrado, Bendito Seja, foi acompanhando-o até que chegou aos noventa e nove anos, a fim de não trancar a porta diante dos convertidos, dar tempo aos que retornam e aumentar a recompensa àqueles que fazem a Sua vontade, conforme está escrito (Isaías 42:21): "O Eterno tem prazer, por amor à Sua própria justiça, em engrandecer e glorificar a Sua Torá."

No *Midrash Raba*,¹⁰ há uma bonita explicação sobre por que se deve amar os convertidos. De acordo com o texto seguinte, os *guerim* (plural he-

braico de *guer*) devem ser amados de um modo muito especial, uma vez que renunciaram à sua liberdade, abandonaram suas famílias e decidiram se unir ao povo judeu. Quem nasce judeu não tem alternativa, mas o convertido deve ser respeitado e protegido por conta dos seus grandes esforços.

הרבה הקב"ה אוהב את הגרים. למה הדבר דומה?
 למלך שהיתה לו צאן, והיתה יוצאת בשדה ונכנסת
 בערב - כן בכל יום. פעם אחד נכנס צבי אחד עם
 הצאן, הלך לו אצל העזים, היה רועה עמהם. נכנסה
 הצאן לדיר, נכנס עמהם; יצאת לרעות, יצא עמהם.
 אמרו למלך: "הצבי הזה נלוה עם הצאן והוא רועה
 עמהם כל יום ויום, יוצא עמהם ונכנס עמהם." היה
 המלך אוהבו בזמן שהוא יוצא לשדה. היה מפקיד
 רועה יפה לרצונו, לא יכה אדם אותו הזהרו בו.
 ואף כשהוא נכנס עם הצאן, היה אומר להם: "תנו
 לו וישתה." והיה אוהבו הרבה. אמרו לו: "מרי,
 כמה תישים יש לך? כמה כבשים יש לך? כמה
 גדיים יש לך? ואין את מזהירנו ועל הצבי הזה בכל
 יום ויום את מצוינו." אמר להם המלך: "הצאן,
 רוצה ולא רוצה, כך היא דרכה לרעות בשדה כל
 היום ולערב לבא לישן בתוך הדיר. הצביים במדבר
 הם ישנים, אין דרכם ליכנס לישוב בני אדם. לא
 נחזיק טובה לזה, שהניח כל המדבר הרחב הגדול
 במקום כל החיות, ובא ועמד בחצר?" כך אין אנו
 צריכין להחזיק טובה לגר, שהניח משפחתו ובית
 אביו והניח אומתו וכל או"ה = אומות העולם = ובא
 לו אצלנו? לכן הרבה עליו שמירה, שהזהיר את
 ישראל שישמרו עצמם מהם, שלא יזיקו להם.

O Sagrado, Bendito Seja, ama muito os converti-

dos. A que isto se assemelha? A um rei que possuía um rebanho. Este costumava sair ao campo e retornar à noite, e assim eram todos os dias. Certa vez entrou um veado no meio do rebanho, seguiu entre as cabras e foi ao pasto com elas. O rebanho entrava no curral, ele entrava junto; saía para o pasto, ele saía junto. Disseram ao rei: “Este veado está acompanhando o rebanho, vai ao pasto com elas todos os dias, sai com elas e entra com elas.” O rei passou a amá-lo desde o instante em que ele saía ao campo. Era apascentado tranquilamente e de boa vontade, não era preciso bater nele ou o advertir. E mesmo quando chegava com o rebanho, o rei dizia: “Deem a ele de beber” e o amava muito. Disseram-lhe: “Meu senhor, quantas cabras o senhor tem? Quantos cordeiros o senhor tem? Quantos bodes o senhor tem? E o senhor não nos avisou do veado que todos os dias encontramos conosco.” O rei lhes respondeu: “Para o rebanho, querendo ou não, este é o seu modo de ser apascentado no campo todos os dias e retornar à noite para dormir no curral. Os veados dormem no deserto; não é da sua natureza se reunirem junto a uma comunidade humana. Então não iremos ver com bons olhos que ele tinha todo o extenso deserto junto aos outros animais, mas veio e estabeleceu-se no campo?” Do mesmo modo, será que não precisamos ver o convertido com bons olhos, uma vez que deixou sua família e a casa de seus pais, sua nação e todas as nações do mundo, e veio juntar-se a nós? Por isso devemos muito protegê-lo, e Israel foi advertido a se comportar para não lhes causar mal algum.

De acordo com o Tratado *Pessachim*¹¹, a razão pela qual Israel foi exilado e espalhado entre as demais nações foi para permitir que os não judeus se unissem ao nosso povo:

ואמר רבי אלעזר: לא הגלה הקדוש ברוך הוא את ישראל לבין האומות אלא כדי שיתוספו עליהם גרים, שנאמר (הושע ב, כה): "וזרעתיה לי בארץ."

E disse Rabi Elazar: O Sagrado, Bendito Seja, somente dispersou o povo de Israel entre as nações para que somassem convertidos a si mesmos, conforme está escrito (Oseias 2:25): “E sua semente será para Mim na terra.”

Por fim, também é importante que os rabinos se certifiquem de que o *status* de se tornar um *guer* não seja usado contra este pelo judeu a fim de envergonhá-lo.

כשם שיש אונאה במקח וממכר, כך יש אונאה בדברים (משנה ב"מ נח ב), שלא יאמר אדם לחברו דברים שיכעיסוהו ויבהילוהו ולא יוכל לעמוד מפני שיתבייש מהם, שנאמר: "ולא תונו איש את עמיתו" (ויקרא כה, יז) באונאת דברים הכתוב מדבר, (...) כיצד? (...) היה בן גרים, אל יאמר לו: זכור מעשי אבותיך. היה גר ובא ללמוד תורה, אל יאמר לו: פה שאכל נבלות וטרפות, שקצים ורמשים, בא ללמוד תורה שנאמרה מפי הגבורה.¹²

Assim como há comércio fraudulento, do mesmo modo há palavras enganosas (*Mishná*, Baba Metzia 58b), porém uma pessoa não pode dizer a outra pessoa palavras que a irrite e a choquem, de modo que esta não possa suportar por se envergonhar delas, conforme está dito (Levítico 25:17): “E um indivíduo não enganará seu semelhante” – a Torá se refere a palavras enganosas. (...) Como? (...) Se for filho de convertidos, não

diga a ele: “Lembre-se dos atos de teus antepassados”. Se for um convertido e veio estudar Torá, não diga a ele: “Boca que comeu carniça e alimentos impróprios, insetos e répteis, veio estudar a Torá ditada pelo Todo-Poderoso”.

Pode-se também identificar uma atitude negativa ao lado destas referências positivas. Este é o caso de dois ditos bastante explícitos em *Ievamot*¹³:

רעה אחר רעה תבא למקבלי גרים.

Um mal atrás do outro virá aos que aceitam os convertidos.

דא"ר חלבו: קשים גרים לישראל כספחת, דכתיב: (ישעיהו י"ד) ונלוה הגר עליהם ונספחו על בית יעקב.

Pois disse Rabi Chelbo: Os convertidos são tão difíceis para Israel quanto uma psoríase, conforme está escrito (Isaias 14): “E se juntará o convertido a eles e se agregarão à casa de Jacob”.

Este também é o caso de uma *beraita* em *Nidá*¹⁴:

ת"ר: הגרים והמשחקין בתינוקות מעכבין את המשיח.

Nossos sábios ensinaram: Os convertidos e os que molestam crianças atrasam a vinda do Messias.

A atitude positiva em relação ao convertido é muito mais fácil de entender. É natural que os sábios estivessem contentes com a evidência de que o judaísmo é atraente a tal nível que até mesmo aqueles que não nasceram judeus estivessem prontos a renunciar a muitas coisas queridas e a uma grande parte de sua liberdade religiosa para se tornarem judeus. De acordo com Urbach¹⁵, declarações de orgulho como as de Rabi Elazar em *Pessachim* são uma herança das gerações anteriores, que eram muito entusiásticas quanto à influência do judaísmo

em meios não judaicos em que se encontravam.

Porém, por que também se encontra a outra voz? Por que há sábios que desaprovam a conversão? O Professor George Foot Moore (KLEIN, 1992) tenta responder esta questão ao dizer que a experiência do judeu com prosélitos era desencorajadora. Em momentos de perseguição, muitos deles retornavam às suas religiões originais. Alguns simplesmente não puderam permanecer leais à fé que adotaram e voltaram ao paganismo. Outros, para salvar a própria pele, trabalharam para o inimigo como informantes. Este sentimento de traição induziu a uma atitude negativa por parte de muitos rabinos em relação aos convertidos. Outra explicação para esta atitude é a crença de Israel como o povo escolhido. Na mente de alguns rabinos, quem estivesse interessado em se unir a este povo especial o estaria fazendo tão somente para se tornar parte desta elite e provavelmente jamais alcançaria este *status* espiritual privilegiado.

Urbach afirma que, nos tempos em que o judaísmo e sua Torá atraíam não judeus para a conversão, atraíam-se, ao mesmo tempo, o ódio e a crítica que vieram a se tornar a base para o antissemitismo. A reação dos sábios dependia do tipo de não judeus que eles encontravam e das experiências que os rabinos tinham com determinados convertidos. Porém, não é possível classificar as atitudes dos rabinos e dividi-las em categorias como, de um lado, a liberal-universal aos que se expressavam a favor da conversão e do convertido e, de outro, a particular – exclusiva àqueles cujas afirmações eram contra a conversão e faziam declarações negativas em relação aos convertidos. Esta seria uma classificação muito superficial, uma vez que havia muitos rabinos com opiniões diferentes e às vezes conflitantes sobre o tema. Rabi Shimon bar Iochai é exemplo de um sábio que criticava o regime romano por construir pontes e lojas para suas próprias necessidades

e que foi denunciado às autoridades romanas por Iehuda ben *Guerim*, o filho de um prosélito¹⁶. Não obstante, ele fez o seguinte estudo¹⁷:

רבי שמעון בן יוחאי אומר, הרי הוא אומר
(שופטים ה, לא) "ואוהביו כצאת השמש
בגבורתו", וכי מי גדול מי שאוהב את המלך או
מי שהמלך אוהבו, הוי אומר מי שהמלך אוהבו,
שנאמר (דברים י, יח) "ואוהב גר".

Rabi Shimon bar lochai diz: Eis que ele diz (Juizes 5:31): "Os que amam o Eterno são como o nascer do sol em seu heroísmo", pois quem é maior, aquele que ama o Rei ou aquele a quem o Rei ama? Eu digo que é aquele a quem o Rei ama, conforme está escrito (Deuteronômio 10:18): "E ama o convertido".

De acordo com Moore, há ampla evidência histórica de que o proselitismo era levado adiante durante o período helenístico. Contudo, as fontes rabínicas silenciam sobre estas atividades, provavelmente por conta de suas difíceis sensações motivadas pelas situações aqui descritas. Vários governos sob os quais viviam as comunidades judaicas proibiam os judeus de fazer proselitismo. O amoraíta Rabi Chelbo, da Terra de Israel, citado acima declarando que os convertidos são tão problemáticos para Israel quanto a psoríase, viveu em um período no qual o Império Romano havia recém adotado o cristianismo como religião oficial de Estado e publicara um édito que tornava a conversão ao judaísmo uma ofensa que previa punição tanto para quem convertia quanto para os convertidos (HOENIG, p. 60-61, 1965). De acordo com o rabino Michael Graetz¹⁸, é possível entender as palavras de Rabi Chelbo como referentes aos impactos da conversão para a comunidade judaica. Através desta leitura

alternativa, Rabi Chelbo não critica a conversão em si mesma, mas destaca as más consequências de se aceitar convertidos em sua época.

Dio Cássio, escritor romano do século 3, afirma que, durante o reinado de Tibério (14-37 EC), muitos judeus foram castigados graças às suas atividades conversionistas. Os imperadores cristãos de Roma fizeram da conversão ao judaísmo um crime grave.

Outra possibilidade é que os rabinos eram, em geral, favoráveis à conversão, mas a maioria do povo era hostil aos estrangeiros. Esta é a razão pela qual os líderes religiosos passam a aconselhar as pessoas a não serem hostis em relação aos prosélitos.

Os prosélitos nas lendas

O *midrash* (alegoria rabínica em torno do texto bíblico) ensina que muitas personagens importantes da Bíblia foram convertidos ao judaísmo. Eis alguns exemplos: Tamar, a esposa de Judá, o progenitor do Messias; Diná, filha de Jacob, teria convertido Jó; Asnat, esposa egípcia de José; Jetro costumava converter outros; Rahab, a prostituta de Jericó, é descrita como tendo se casado com Josué e sendo ancestral do profeta Jeremias; os profetas Ovadia e Jonas são tidos como descendentes de prosélitos. Diz-se que Rabi Meir, o grande mestre tanaíta, seria descendente do imperador romano antijudeu Nero (HOENIG, 1965).

Talmud e Halachá

Aprende-se sobre o processo de conversão principalmente a partir de uma importante *beraita*¹⁹:

Nossos Rabinos ensinaram: um indivíduo que vem se converter nos tempos atuais, diz-se a ele: "Que motivo você tem para vir se converter? Você não sabe que Israel atualmente é perseguido e opri-

mido, menosprezado e molestado e passa por muitas aflições?” Se ele responder “eu sei e, mesmo assim, não sou merecedor” (do privilégio de ser membro do povo de Israel), é imediatamente aceito. E transmitem a ele um pouco dos mandamentos mais simples e um pouco dos principais mandamentos. Ele é informado do pecado [de negligenciar os mandamentos], de Leket (o que cresce espontaneamente no campo), Shichechá (feixes esquecidos), Peá (cantos do campo) e Maassar Aní (dizimo para os pobres)²⁰. Ele também é informado da punição pela transgressão dos mandamentos. Também lhe dizem: “Saiba que, antes de você alcançar esta condição, se comesse sebo, você não seria punido com karet e, se profanasse o Shabat (descanso sabático), você não seria punido com apedrejamento; mas agora, se comer sebo, você será punido com karete, se profanar o Shabat, você será punido com apedrejamento.” E assim que é informado da punição pela transgressão dos mandamentos, ao mesmo tempo é informado da recompensa concedida pelo cumprimento dos mesmos. Dizem-lhe: “Esteja ciente de que o mundo vindouro foi feito apenas para os íntegros e que atualmente Israel é incapaz de receber muita prosperidade ou muito sofrimento.” No entanto, ele não deve ser persuadido ou dissuadido demais. Se aceitar, é circuncidado imediatamente. Caso permaneça qualquer resquício que invalide a circuncisão, deve ser novamente circuncidado. Assim que estiver recuperado, são feitas as preparações para a sua imediata imersão, quando dois homens instruídos devem estar presentes ao seu lado e o familiarizarem com alguns dos mandamentos menores e alguns dos mandamentos principais. Assim que vier após a sua imersão, será considerado israelita para todos os efeitos. No caso de uma prosélita, as mulheres a fazem imergir na

água até o pescoço enquanto dois homens instruídos ficam do lado de fora e a instruem sobre alguns dos mandamentos menores e alguns dos mandamentos principais. A mesma lei se aplica a um prosélito e um escravo emancipado; e somente no local em que uma mulher menstruada pode realizar a sua imersão ritual, podem um prosélito e um escravo emancipado realizar suas imersões rituais; e tudo o que for considerado uma interceptação (brincos, anéis etc.) nos banhos rituais também será considerado uma interceptação nas imersões rituais do prosélito, do escravo emancipado e da mulher menstruada. (grifos meus)

Em resumo, desta *beraita* aprendem-se todos os passos importantes do processo de conversão, quais sejam, a descrição do sofrimento do Povo de Israel, a exposição de algumas *mitzvot* (mandamentos), a explicação do sistema de recompensas e punições, a instrução para não ser rígido demais com o candidato, a circuncisão, a segunda rodada de ensinar algumas *mitzvot* e a imersão.

Por esta *beraita* não é possível determinar quais passos são mais importantes e quais deles são menos importantes. Em outras palavras, não podemos construir uma hierarquia dos diferentes estágios do processo de conversão, tampouco podemos dizer quais deles são obrigatórios e quais deles não são. Aparentemente, todos os passos listados acima têm o mesmo *status*. Contudo, isto se mostrará incorreto através do estudo de outras fontes.

Aprende-se de outra *beraita* em *Ievamot*²¹ que dois dos passos listados acima têm um grau de importância distinto. Estes são considerados vitais para o sucesso da conversão. Esta fonte descreve uma discussão entre os tanaítas Rabi Eliezer, Rabi Iehoshua e os demais rabinos. O primeiro considera que um não judeu que foi circuncidado, mas não fez a imersão, é judeu; Rabi Iehoshua entende

que um não judeu que fez a imersão, mas não foi circuncidado, é judeu; finalmente, para os demais rabinos ambos os passos são obrigatórios, somente quem foi circuncidado e fez sua imersão é convertido. Esta também é a conclusão do *Talmud*: “Rabi Chiya bar Aba declarou em nome de Rabi Iochanan: Jamais será um prosélito, a menos que seja circuncidado e faça a imersão ritual”.²²

Esta e outras discussões sobre casos nos quais apenas um dos passos do processo de conversão foi realizado deixam claro que a circuncisão e a imersão ritual têm um *status* distinto dos demais passos descritos em nossa primeira *beraita*. Embora os Sábios discutam se ambas, a circuncisão e a imersão, são essenciais ao processo de conversão, não há controvérsia de que as duas são as *halachot* (leis) mais importantes conectadas à conversão.

O *Talmud* opta pela opinião de que os dois procedimentos são essenciais e faz destas a *Halachá*. O *Talmud* também decide que deve haver três pessoas israelitas durante a imersão e essas três pessoas não precisam ser especialistas.²³

Lechatchila, em princípio, todos os elementos descritos na primeira *beraita* devem estar presentes. Porém, *bediavad*, *post factum*, a circuncisão e a imersão bastam para realizar uma conversão totalmente aceitável.

Com relação a isto, Rabi Eliezer e Rabi Iehoshua concordam que o ideal é ter a circuncisão e a imersão ritual, e a discussão deles está no caso de *bediavad* um destes passos não foi cumprido.²⁴

A aceitação da responsabilidade pelos mandamentos

O fato de não se encontrar uma discussão semelhante sobre a aceitação da responsabilidade pelos mandamentos²⁵ não implica que esta não era considerada essencial. Porém, deve ser feita uma dis-

tinção entre a aceitação dos mandamentos e a aceitação da responsabilidade pelos mandamentos. Não se espera que um candidato à conversão cumpra todas as *mitsvot* (mandamentos) da Torá nem que se comprometa a cumpri-los. Em vez disso, o *mitgaiêr* (aquele que se converte ao judaísmo) deve entender que, antes da conversão, ele não estava obrigado aos mandamentos e que agora está. A aceitação do jugo dos mandamentos é traduzida pelo *Talmud* como a obrigação da Corte Rabínica de instruir o candidato, e a mera persistência do candidato é compreendida como uma aceitação tácita da responsabilidade pelas *mitsvot*.

Outras condições não essenciais, além daquelas listadas na *beraita*, são: (a) não converter um candidato que nega um ou vários dos mandamentos, (b) proibição de converter um candidato contra a sua vontade, (c) proibição de converter alguém com motivações estranhas.

a) A rejeição dos mandamentos

A Corte Rabínica deve se abster de converter uma pessoa que impõe condições ou restrições à sua conversão. Após a conversão, o novo judeu estará comprometido com **todos os mandamentos da Torá**, sem exceções. Assim sendo, um candidato não pode decidir aceitar apenas uma parte dos mandamentos e, ainda que o faça, este tipo de condição é automaticamente anulado, e o *guer* se torna judeu exatamente como qualquer outro judeu de nascimento.

Pode-se aprender sobre a rejeição dos mandamentos a partir da seguinte seção do *Talmud*:²⁶

עובד כוכבים שבא לקבל דברי תורה חוץ
מדבר אחד - אין מקבלין אותו, ר' יוסי בר'
יהודה אומר: אפ' דקדוק אחד מדברי סופרים.

Um idólatra que vem receber as palavras da To-

rá com uma exceção – nós não o aceitamos. Rabi Iossei em nome de Rabi Iehuda diz: “Ainda que seja um detalhe estabelecido apenas pelos rabinos (e não explicitamente pela Torá)”.

Da expressão “nós não o aceitamos” fica claro que a decisão é dirigida à Corte Rabínica e que, uma vez aceita, a conversão não será anulada. Este é o modo pelo qual o rabino Moshe Feinstein²⁷ e outros entendem o *Talmud*.

כשאומרים לו שאיכא מצוה זו או שיודע
מעצמו איזה מצוה שראה איך שישראל נוהגין
במצוה זו ואומר שמצוה זו אינו רוצה לקבלה
... לכתחלה אין מקבלין אבל בדיעבד
כשקבלוהו הוא גר, וחייב אף במצוה זו שלא
קבל עליו דמה שלא קבל עליו אינו כלום
לפוטר דהא הוא מתנה על מה שכתוב בתורה
שתנאו בטל.

Ao lhe dizerem que existe determinada *mitsvá* (mandamento divino) ou se souber por si mesmo determinada *mitsvá* que viu como os israelitas costumam praticá-la e ele disser que esta *mitsvá* ele não quer aceitá-la... a princípio nós não o aceitamos. Contudo, *post factum*, uma vez que já o aceitaram, ele é um convertido e está obrigado inclusive àquela *mitsvá* que não aceitara sobre si, ou seja, o fato de tê-la rejeitado de nada vale para dispensá-lo [do cumprimento da mesma], pois é condição dada, conforme está escrita na Torá, de que a condição por ele estabelecida está anulada.

Também é comum verificar a situação deste convertido comparada à situação de um nazireu que aceitou o voto de nazirato sob a condição de

continuar bebendo vinho. Em ambos os casos, a condição fica anulada desde o início de vigência da nova situação legal.

b) Conversão contra a própria vontade

De acordo com o *Talmud*²⁸, uma Corte Rabínica também deve se abster de converter alguém contra a sua própria vontade.

"כל עבד איש מקנת כסף" (שמות י"ב, מ"ד),
עבד איש ולא עבד אשה? אלא, עבד איש אתה
מל בעל כרחו, ואי אתה מל בן איש בעל כרחו.

“Todo escravo homem comprado por dinheiro”
(Êxodo 12:44) – escravo, mas não escrava? Eis
que um escravo (adulto) é circuncidado independen-
te da sua vontade, mas não se circuncida um
homem independente da sua vontade.

Destas palavras aprendemos que era possível converter um escravo contra a sua vontade, mas não é recomendado converter pessoas livres contra a vontade delas. Houve casos nos quais os escravos decidiram aderir à religião de seus senhores, mas também houve exemplos de senhores judeus que tentaram compelir seus escravos a se converter.

A liberdade de escolha é provavelmente a razão pela qual uma pessoa é informada a respeito dos sofrimentos do Povo de Israel, bem como é avisada por duas vezes sobre os mandamentos. Através deste processo o *Beit Din* (tribunal rabínico) se assegura de que o candidato está convencido de que quer se converter por sua livre vontade.

c) As motivações do convertido

Com relação à influência das motivações dos convertidos no processo de conversão, *Zohar* e Sagui (1997) identificaram três grupos distintos entre os Sábios do *Talmud*.

Em um extremo, há vozes que acreditam que não há nenhuma conexão entre as motivações e o processo. Em outras palavras, quem vem para a conversão não deve ser perguntado sobre suas motivações uma vez que estas não têm nenhum impacto sobre o processo. A motivação não é algo a ser levado em conta quando se decide aprovar ou não um candidato. Esta opinião é representada pelo Rabino Itschac Alfasi (Rif) e pelo Rabino Isaac ben Asher (Tur), entre outros, na literatura legal pós-Talmúdica. Um exemplo desta opinião pode ser lido na *Mishná*:²⁹

(...) הנטען על השפחה ונשתחררה או על הנכרית
ונתגיירה הרי זה לא יכנוס ואם כנס אין מוציאין
מידו (...).

Aquele que é suspeito [de ter tido relações sexuais] com uma escrava que em seguida foi libertada, ou com uma gentia que em seguida foi convertida, não deve se casar [com ela]; mas caso tenha se casado, não se pode tirá-la de suas mãos (...).

De acordo com esta fonte, um homem judeu que teve um relacionamento com uma mulher não judia está proibido de se casar com ela após a conversão da mesma. Contudo, não há dúvida sobre o *status* dela. O fato de ela ter tido um relacionamento com um judeu antes da sua conversão e que este mesmo judeu seja provavelmente a razão de sua conversão influencia o *status* deles como um casal, porém não influi no *status* dela como judia.

Na *beraita*³⁰ que descreve o processo de conversão, há a exigência de informar-se o candidato sobre as *mitsvot* e sobre o sofrimento de Israel. Porém, ao longo de todo o processo, não há pergunta alguma relativa à motivação da pessoa que vem para se converter. Finalmente, há pelo menos duas

famosas *hagadot* (relatos rabínicos) nas quais a pessoa será convertida embora tenha motivações externas. Na primeira³¹, uma prostituta veio a Rabi Chiya porque se apaixonou por um dos estudantes dele; na outra³², um não judeu ouviu falar da beleza das roupas de um Sumo Sacerdote e quis se tornar um judeu a fim de se tornar Sumo Sacerdote e usar aquelas vestimentas.

No outro extremo estão as vozes daqueles que acreditam que somente candidatos que estejam se convertendo *לשם שמים* – “em nome dos Céus”, ou por puro desejo de se aproximar de Deus, serão aceitos. A existência de uma motivação externa, isto é, outra que não “em nome dos Céus”, é um obstáculo para quem quer ser convertido. Além disso, se alguém que não teve a motivação apropriada foi aceito por engano, sua conversão não tem validade. De acordo com esta opinião, a motivação é uma condição essencial do processo de conversão, sem a qual uma conversão será vista como inexistente *ab initio*. Esta visão não pode ser identificada entre a grande maioria dos legisladores judeus da literatura pós-Talmúdica. Esta opinião pode ser vista em *Ievamot*³³:

אחד איש שנתגייר לשום אשה, ואחד אשה שנתגיירה
לשום איש, וכן מי שנתגייר לשום שולחן מלכים, לשום
עבדי שלמה - אינן גרים, דברי ר' נחמיה; שהיה רבי
נחמיה אומר: אחד גירי אריות, ואחד גירי חלומות, ואחד
גירי מרדכי ואסתר - אינן גרים, עד שיתגיירו בזמן הזה.

Um homem que se converteu por uma mulher, e uma mulher que se converteu por um homem, bem como quem se converteu pela mesa dos reis (para ser promovido profissionalmente), e pelos escravos de Salomão (para ser nomeado para essa função de destaque) – não são convertidos, palavras de Rabi Nechemia; pois Rabi Nechemia

costumava dizer: “Quem for *guerê araiot* (convertido por temor aos leões de Deus, referência a 2 Reis 17:24-25), *guerê chalomot* (decidiu se converter por causa de um sonho), ou *guerê Mordechai e Ester* (convertidos por medo, como nos tempos de Mordechai e Ester, referência a Ester 8:17), não são convertidos, até que se convertam nesta época (como nesta época, sem nenhuma vantagem física).

A mesma ideia está presente em um dos pequenos tratados do *Talmud*⁶⁴ que foram editados muito mais tarde, na época dos Gueonim:

כל המתגייר לשום אשה, לשום אהבה, לשום יראה, אינו גר. וכן היו רבי יהודה ורבי נחמיה אומרים: כל אותם שנתגיירו בימי מרדכי ואסתר אינם גרים, שנאמר (אסתר ח, יז): "ורבים מעמי הארץ מתיידיים כי נפל פחד היהודים עליהם", וכל שאינו מתגייר לשם שמים אינו גר.

Todo aquele que se converter por uma mulher, por amor ou por temor, não é um convertido. E assim costumavam dizer Rabi lehuda e Rabi Nchemia: “Todos aqueles que se converteram nos tempos de Mordechai e Ester não são convertidos, conforme está escrito: ‘E muitos dos povos da terra tornaram-se judeus, porque o temor aos judeus caiu sobre eles’ (Ester 8:17), e todo aquele que não se converte em nome dos Céus não é um convertido.”

Contudo, há uma diferença entre os tratados *Ievamot* e *Guerim*. Enquanto no primeiro não há nenhuma exigência de uma motivação positiva para a conversão e somente a falta de motivações negativas basta, no último é exigida uma

motivação “em nome dos Céus”.

O terceiro grupo representa uma voz intermediária no que diz respeito à influência da motivação no processo de conversão. Por um lado, a motivação do candidato é muito importante e será levada em conta pelo *Beit Din*. Por outro lado, porém, se a Corte Rabínica tem aceitado *guerim*, a conversão destes não pode ser cancelada com base em suas motivações. Para estes rabinos a motivação é muito importante, mas não representa uma condição essencial do processo. Uma vez convertido, não há qualquer influência da motivação original dos convertidos em sua atual condição. Esta é a opinião aceita pelo *Shulchan Aruch* e, portanto, reconhecida pela maioria dos tribunais rabínicos nos tempos modernos. Uma *beraita* que aparece duas vezes no *Talmud*⁶⁵ aponta para esta direção:

אין מקבלין גרים לימות המשיח, כיוצא בו לא קבלו גרים לא בימי דוד ולא בימי שלמה!

Não são aceitos convertidos para a época do Mashiaich, por isto não foram aceitos convertidos nem na época de David nem na época de Salomão!

Nenhum convertido foi aceito na época de David nem na época de Salomão por se suspeitar de que estes estavam sendo atraídos pelos sucessos militares e pela prosperidade que então prevaleciam. A instrução dada pelo *Beit Din* é a que não se deveria aceitar um candidato que busca a conversão a fim de ser recompensado na era messiânica ou por outras motivações estranhas. Esta posição pode ser lida, mais uma vez, no *Talmud Ierushalmi*,⁶⁶ nas palavras do Rav, amoraíta da primeira geração babilônica, que *bediavad, post factum*, aceita o convertido:

המתגייר לשם אהבה, וכן איש מפני אשה, וכן אשה מפני איש, וכן גירי שולחן מלכים, וכן גירי אריות, וכן גירי מרדכי ואסתר, אין מקבלין אותן. רב אמר: הלכה גרים הן, ואין דוחין אותן כדרך שדוחין את הגרים תחילה, אבל מקבלין אותן, וצריכין קירוב פנים, שמא גיירו לשם.

Aquele que se converte em nome do amor, assim como um homem por uma mulher, e uma mulher por um homem, e os que se convertem em nome da mesa dos reis (para ser promovido profissionalmente), e os *guerê araiot* (convertido por temor aos leões de Deus, referência a 2 Reis 17:24-25), e os *guerê Mordechai e Ester* (convertidos por medo como nos tempos de Mordechai e Ester, referência a Ester 8:17), nós não os aceitamos. Rav disse: “Estes são convertidos conforme a *Halachá*, e não se deve rejeitá-los do modo como se rejeitam os convertidos *ab initio*, mas nós os aceitamos, e é preciso aproximá-los, porque talvez tenham se convertido em nome [dos céus]”.

Aparentemente, a opinião do *Tana Kama* (o primeiro tanaíta citado) neste texto é muito semelhante à do tratado *Ievamot*, no *Talmud* babilônico. No entanto, há uma diferença muito importante entre estes dois textos. Enquanto Rabi Nechemia usa a expressão “não são convertidos” (אינן גרים) no primeiro, no *Talmud Ierushalmi* a expressão é “nós não os aceitamos” (אין מקבלין אותן). O termo babilônico implica que a pessoa não é um convertido. Sua conversão não é aceita uma vez que sua motivação não foi pura. Embora a expressão do *Talmud Ierushalmi* implique que os juízes *lechatchila, ab initio*, não devem aceitá-lo, uma vez aceito, a conversão é totalmente válida.

Com intenção de casamento

Embora no tratado de *Guerim*³⁷ esteja especificamente proibido converter alguém por causa de matrimônio, esta é a razão mais popular para conversões nos dias atuais. As gerações passadas também tiveram que se deparar com a questão, porém esta ficou mais clara depois da Emancipação.

No *Talmud*, é possível encontrar algumas histórias que denotam opiniões diferentes entre os Sábios sobre este assunto. Em um destes casos³⁸, uma mulher não judia admitiu a Rabi Eliezer que ela havia mantido relações sexuais com um homem judeu e queria ser convertida. Embora Rabi Eliezer tenha recusado, Rabi Iehoshua consentiu em convertê-la. Depois da conversão, ela poderia, se assim desejasse, casar-se livremente com seu namorado judeu (em HOENIG, 1965). Conforme visto anteriormente³⁹, Rav, fundador da Academia de Sura, permitia a conversão inclusive daqueles que vinham basicamente com a finalidade de matrimônio. Ele declarou: “Quem quer que busque ser convertido deve ser aceito. Não rejeite os motivos dos *guerim*; talvez eles venham em nome dos Céus.”

O rabino Moshe Zemer (1993) resume as opiniões de alguns importantes legisladores recentes. O rabino Azriel Hildesheimer, de Berlim (*apud* ZEMER, 1993, p. 122), e o rabino Aharon Halevi Goldman, da Argentina (*apud* ZEMER, 1993, p. 122), estão entre aqueles que proibiram conversões com intenção de casar-se com uma pessoa judia. Nos séculos XIX e XX, alguns legisladores permitiram a conversão de pessoas já unidas a cônjuges judeus por casamentos civis; entre eles estavam o rabino David Tzvi Hofman (*apud* ZEMER, 1993, p. 122), o rabino Meir Simcha HaCohen (*apud* ZEMER, 1993, p. 122) e o rabino Ben-Zion Meir Hai Uziel (*apud* ZEMER, 1993, p. 122). O Rabino Salomon Bennett Freehof (*apud* ZEMER, 1993, p. 124),

legislador do Movimento Reformista, também permitia a conversão quando esta fosse a motivação.

Nas congregações conservadoras, a prática geral, de acordo com Klein (1992), é aceitar essas conversões na medida em que o candidato tenha desenvolvido um desejo sincero de abraçar o judaísmo. Nesses casos, a motivação a ser levada em conta é aquela que a pessoa tiver ao término do processo e não a motivação que trouxe o futuro judeu diante do rabino na primeira reunião. Até mesmo se todo o processo tiver começado graças ao desejo de se casar com uma pessoa judia, este deve, além disso, terminar com o amor por nossas tradições. De acordo com o rabino Theodore Friedman (1992, p. 37), conhecido como Tuvia em função de sua obra *Beer* (o poço de) Tuvia, não há qualquer impedimento para aceitar quem queira ser convertido para se casar com um cônjuge judeu.

A conversão de uma criança

É possível converter uma criança até mesmo antes que ela possa expressar a sua opinião sobre o assunto. Há uma suposição de que ser judeu é uma honra. Esta suposição permite que uma Corte Rabínica, por decisão própria, converta uma criança. As exigências haláchicas (legais) devem ser cumpridas, ou seja, deve haver a circuncisão, a imersão ritual e um *Beit Din* com três participantes presentes. A principal diferença entre esta conversão e a de um adulto é o consentimento. Enquanto a conversão de um adulto só será feita quando a pessoa manifestar sua livre vontade de ser convertida, no caso de uma criança normalmente os pais decidirão junto com a Corte Rabínica. Esta é a razão pela qual, no caso de uma criança, e só neste caso, a consumação do processo dependerá de uma confirmação tácita quando o convertido ficar mais velho. Meninas com doze anos e meninos com treze anos de idade

confirmarão a sua conversão com a realização do seu *bat mitsvá/bar mitsvá* ou, eventualmente, anularão a conversão caso decidam viver fora da estrutura da comunidade judaica.⁴⁰ O exemplo clássico de uma conversão de criança é o caso de um casal judeu que adota uma criança não judia.

Abordagens modernas⁴¹

I. A abordagem reformista à conversão

É possível identificar opiniões conflitantes dentro do Movimento Reformista no que diz respeito aos padrões adotados em relação às conversões. Em 1892, ao seguir uma campanha liderada pelo rabino Isaac Mayer Wise, a Conferência Central dos Rabinos Americanos (CCAR) decidiu que cabia a todo rabino oficiante aceitar qualquer pessoa honrada e inteligente para a sagrada aliança de Israel. Esta aceitação aconteceria sem qualquer rito de iniciação, cerimônia ou observância do que quer que fosse. Era importante verificar se a pessoa tinha conhecimento suficiente sobre judaísmo. Porém, nenhuma cerimônia, circuncisão ou imersão era exigida.

Em 1988 ocorreu uma significativa mudança no Manual do Rabino Reformista, conforme destacado por Golinkin (2001). O ritual de circuncisão e de imersão foi retomado juntamente com os estudos e a preparação do candidato. Este resgate é atestado pelo rabino Walter Jacob, dez anos antes, quando afirmou que a circuncisão havia sido virtualmente aceita universalmente. Em 1987, ele declarou que tanto a *milá* (circuncisão) quanto a *tevilá* (imersão) eram extensamente praticadas. Finalmente, em 2001 a CCAR recomendou que a conversão deveria incluir uma Corte Rabínica, imersão ritual e circuncisão ou *hatafat dam brit* (retirada de uma gota de sangue do pênis, no caso do candidato já ser circuncidado).

Um tema muito controverso introduzido pelo Movimento Reformista foi o da descendência patrilinear. Em 1947, a CCAR decidiu que o filho ou filha de um pai judeu é judeu ou judia, sem conversão formal, caso ele ou ela frequente uma escola judaica. Esta decisão foi muito controversa e desencadeou uma dura discussão com o Movimento Conservador, comunidades ortodoxas e inclusive dentro do próprio Movimento Reformista. Ainda nos dias atuais, o Movimento Reformista não é unânime no que tange a esta decisão. Em 1986, a Assembleia Rabínica do Movimento Conservador reagiu à decisão do Movimento Reformista reafirmando a descendência matrilinear.

II. A abordagem conservadora à conversão

As exigências dos padrões *haláchicos* (de leis) do Movimento Conservador para conversão foram resumidas pelo rabino David Golinkin de diferentes Manuais do Rabino Conservador, como segue: um período de estudo sério, imersão e circuncisão ou *hatafat dam brit*, a aceitação dos mandamentos e a presença de um *Beit Din* com três participantes.

O estudo deve durar muitos meses e deve incluir aprendizagem formal, leitura, encontros com o rabino, frequência aos serviços religiosos e cumprimento das *mitsvot*. A circuncisão e a imersão são consideradas exigências rituais indispensáveis para o convertido. A aceitação dos mandamentos é uma declaração formal da livre vontade do candidato para aceitar os princípios da religião judaica, seguir suas práticas e cerimônias e se tornar um membro do povo judeu. Finalmente, uma Corte Rabínica deve estar presente para a aceitação das *mitsvot*.

Resposta conservadora

O Doutor Birnbaum⁴² perguntou ao professor Louis Ginzberg sobre a conversão de uma mulher não judia já casada com um judeu e com filhos.⁴³

Na resposta, o professor Ginzberg explica que mulheres casadas podem se converter ao judaísmo sob as mesmas condições das mulheres solteiras. Ele também esclarece que, conforme a lei talmúdica, o rabino deve advertir o homem judeu que vive com uma mulher não judia a se divorciar imediatamente dela após a conversão da mesma. No entanto, o rabino Ginzberg não sugere que eles se divorciem e afirma que isto está “fora de questão” no caso de um casal que já teve filhos juntos. Ele se apoia em uma *responso* de Maimônides. Novamente, conforme a lei talmúdica, diz Ginzberg, o casal deve se abster de ter relações conjugais por noventa dias após a conversão, mas ele mesmo reconhece que é difícil convencer as pessoas a cumprirem isto. Ele sugere pelo menos três meses de preparação para a conversão e aceita a possibilidade de que o casal se abstenha de ter relações sexuais durante estes meses em vez de após a conversão, como determina a lei original. Para permitir o testemunho durante a imersão ritual das mulheres, ele permite que as mulheres vistam um maiô largo. O Professor Ginzberg afirma que as crianças também precisam de conversão com os mesmos elementos da conversão de um adulto. Finalmente, ele escreve que o casal deve se casar novamente, de acordo com todas as leis judaicas de *Chupá* e *Kidushin* (casamento judaico). Os novos judeus também receberão nomes judaicos, como é de costume.

Em um documento (BOHNEN, 1997) preparado pelo Comitê sobre Leis e Parâmetros Judaicos da Assembleia Rabínica, em 1965, e aceito pela maioria de seus membros, é discutido o tópico de Conversões de *Status Questionável*. A situação dos casamentos mistos nos Estados Unidos associada à falta de uniformidade entre judeus ortodoxos, conservadores e reformistas e, finalmente, as diferenças entre conversões dentro do próprio Movimento Conservador geraram a necessidade deste

documento. Em poucas palavras, o documento declara que na Bíblia há referências a diferentes pessoas que aderiram a um grupo étnico ou nacional específico, porém não há nenhuma descrição de um processo de conversão, nenhum rito nem cerimônia. A primeira vez que se pode ver uma conversão de um grupo que não está mais em sua própria terra e que era diferente por conta de sua religião ocorre durante o Exílio na Babilônia. Esta nova realidade foi a responsável pelo desenvolvimento das cerimônias de conversão. A discussão talmúdica⁴⁴ entre Rabi Eliezer e Rabi Iehoshua sobre a questão de uma conversão sem imersão ritual volta à tona. A decisão da *Guemará* é que tanto a imersão quanto a circuncisão são exigidas no caso dos homens.

O documento então relata que o Movimento Reformista não exigia uma conversão haláchica. Uma declaração de fé podia ser suficiente para um rabino reformista aceitar um *guer* sem necessidade de *milá* (circuncisão) ou *tevilá* (imersão ritual). Por outro lado, o judaísmo ortodoxo requer *milá* e *tevilá*, mas muitas vezes não insiste em um processo de estudo e instrução em prática religiosa judaica básica. Finalmente, o Movimento Conservador exige *milá*, *tevilá* e estudos que incluem história judaica, preceitos essenciais, fundamentos da crença judaica e conhecimento de leitura de hebraico. De acordo com o documento, “ao insistir nestas exigências básicas, nós estamos estabelecendo o *status* do convertido em fundamentos firmes e possibilitando que o convertido seja um bem para a nossa fé”, e por isso este procedimento deveria ser mantido.

A diferença entre os processos adotados pelos três movimentos religiosos não seria um problema se não houvesse migração de uma comunidade para outra. No entanto, é muito comum a necessidade de acolher uma família que costumava ser

membro de uma sinagoga reformista ou ortodoxa em uma congregação conservadora. Em alguns destes casos, os *guerim* se consideram judeus no pleno sentido do termo.

O que uma comunidade conservadora deveria fazer neste caso? Se o convertido não fez *milá* nem *tevilá*, deve-se pedir delicadamente a ele para que cumpra estes passos. O rabino conservador precisa explicar que ainda que não tivessem sido exigidos pela congregação anterior, aqueles passos são exigidos pela nova. Embora “nada deva ser dito aos convertidos que os faça sentir que nunca foram judeus”.

Uma exceção pode ser feita no caso da exigência da imersão ser muito dolorosa para quem se considera absolutamente judeu, por conta do dilema ético que isto representa. Nestes casos extremos, o rabino deve ser capaz de levar em consideração uma imersão que a pessoa fez no mar mesmo sem a intenção da imersão em nome da conversão. Isto pode ser usado como “um último recurso quando nenhuma outra solução é possível”. Esta é a recomendação, porque considerar como um não judeu alguém convertido por um grupo religioso diferente e que se define como judeu poderia trazer consequências muito piores do que renunciar à exigência da *tevilá* quando todos os demais requerimentos foram cumpridos.

Outro documento (BLUMENTHAL, 1997), preparado pelo mesmo comitê no mesmo ano, que só foi aceito pela minoria de seus membros, trouxe referências de “Um Resumo das Decisões sobre Conversões”. As decisões são: para fins de enterro em um cemitério judaico, qualquer pessoa convertida ao judaísmo, independente da natureza de sua conversão, é considerada judia; uma congregação conservadora pode reconhecer uma cerimônia de conversão realizada por um rabino reformista – este convertido pode receber plenos direitos como judeu, pode ser aceito como membro em congre-

gações conservadoras e receber plenos privilégios como qualquer outro membro, os filhos podem ser educados e casarem por um rabino conservador, etc. Outra decisão estabelece que a circuncisão é a única coisa a ser pedida de uma pessoa convertida por um rabino reformista, e, na mais leniente das referências, lê-se: “Uma pessoa aceita para o judaísmo por um rabino reformista será reconhecida como judia”. Esta última decisão não usa a expressão “pode ser reconhecida” como a maioria das demais referências, e não requer nenhum apêndice *haláchico* à cerimônia de conversão realizada pela congregação reformista. O autor do documento, rabino Aaron Blumenthal, defende a ideia de que todas as conversões “em que a boa fé do prosélito está demonstrada” serão reconhecidas. Exemplos desta “boa fé” são matricular um filho em uma escola judaica religiosa e levá-lo a se tornar um *Bar Mitsvá*. Por um lado, deve-se buscar cumprir os padrões da conversão conservadora; por outro lado, é imperativo abraçar o máximo de judeus e acolhê-los nas congregações conservadoras.

Um terceiro documento (NOVAK, 1988) foi aceito pela maioria dos membros do Comitê sobre Leis e Parâmetros Judaicos (CJLS) da Assembleia Rabínica com respeito aos dois citados acima. Este documento traz um resumo das *responsas* de Bohnen e Blumenthal, afirmando que ambos concordam que o ideal é incluir a *tevilá* em toda conversão, mas, no caso de uma pessoa que já vive há muitos anos como judeu sem ter cumprido a imersão ritual, eles entendem diferente. Na opinião de Bohnen, o rabino conservador deve tentar convencer o *guer* a fazer a sua imersão ritual e só em casos em que isto não é possível pode abdicar-se da exigência da *mikvé* (banho ritual). Blumenthal entende que o rabino não deve tentar convencer o convertido e sim renunciar diretamente a esta exigência. Novak critica ambos os rabinos por escre-

ver *teshuvot* (respostas rabínicas) com praticamente nenhuma fonte sagrada.

Ele analisa a citação talmúdica trazida por Bohnen em *Ievamot* 46^a e a compara com o texto paralelo no *Talmud Ierushalmi*⁴⁵:

תני: גר שמל ולא טבל, טבל ולא מל, הכל הולך אחר המילה - דברי רבי אליעזר; רבי יהושע אומר: אף הטבילה מעכבת.

Ensina-se: o *guer* que foi circuncidado e não fez a imersão, que fez a imersão e não foi circuncidado, tudo segue a circuncisão – palavras de Rabi Eliezer; Rabi Iehoshua diz: a imersão é também essencial.

Novak conclui, citando o rabino Bernard J. Bamberger (NOVAK, 1988, p.80), que a questão não é exigir ou não a imersão, mas, em vez disso, determinar o momento em que a pessoa se torna judia (depois da circuncisão ou depois da imersão ritual). Conforme a leitura de Novak da seção talmúdica, tanto Rabi Eliezer quanto Rabi Iehoshua exigem a *tevilá* (imersão) na *mikvé* e a *milá* (circuncisão), mas discordam sobre o momento em que o não judeu se torna judeu. A discussão é sobre alguém que foi circuncidado mas ainda não fez a imersão na *mikvé* e sobre alguém que fez a imersão ritual mas ainda não foi circuncidado. Por esta leitura, a discussão trata do instante em que um indivíduo pode ser considerado um *guer* – o que, de acordo com os rabinos, só pode se concretizar após todo o processo.⁴⁶ Novak conclui que a imersão é sempre obrigatória e que requer *cavaná* (intenção). Uma exceção poderia ser feita em um caso muito específico e incomum no qual a pessoa convertida não cumpriu a imersão em nome da conversão propriamente dita, porém realizou diversas outras imersões rituais para diferentes puri-

ficações exigidas pela Lei judaica. Finalmente, o autor afirma que uma pessoa que não se converteu em conformidade com a Lei e não deseja refazer sua conversão e não aceitou *ol mitzvot* (a responsabilidade pelos mandamentos) não é aceita como um *guer tsédek*. Novak acredita que uma pessoa convertida não necessita cumprir cada mandamento da Torá, mas, ao mesmo tempo, deve ser proibida de se recusar a cumprir qualquer *mitsvá* e deve se sentir comprometida em geral com a Lei judaica. A sua condição básica é que a imersão deve ser exigida para que se possa reconhecer uma conversão realizada por um rabino reformista.

III. A atitude dos rabinos ortodoxos

a. Aceitação das *mitsvot*

Dentro do Movimento Ortodoxo, há diferentes atitudes quanto à exigência de um candidato aceitar os mandamentos para se tornar judeu. Por exemplo, a opinião mais estrita, representada pelo rabino Moshe Feinstein, é de que o convertido deve aceitar os mandamentos sobre si, e, se isso não ocorrer, a conversão não será completada. Se após a conversão ficar entendido que o convertido não aceitou verdadeiramente as *mitsvot*, a conversão é considerada inválida.

A atitude leniente é representada por rabinos como Eliezer Berkovitz. Ele percebe a aceitação dos mandamentos como a aceitação da fé no Deus Único de Israel. Além disso, de acordo com ele, o convertido precisa aceitar a circuncisão e a imersão ritual, ambos exigidos para a realização do processo de conversão propriamente dito. De acordo com Golinkin (2001), o rabino Marc Angel afirma que não há fonte talmúdica legal alguma que indicaria inequivocamente que a aceitação de todos os mandamentos é um pré-requisito para a conversão. Finalmente, ele afirma que há amplo suporte para

realizar conversões com fins de matrimônio caso o convertido possua um compromisso genuíno com o povo judeu. O rabino David Zvi Hoffman legisla, *bediavad, post factum*, que alguém que se converteu sem a aceitação das *mitsvot* é um *guer* (*apud* ZEMER, 1993).

b. Conversões não ortodoxas

Mais uma vez, é possível identificar diferentes atitudes dos rabinos ortodoxos em relação às conversões realizadas por rabinos conservadores e reformistas. Com respeito às conversões conservadoras, Golinkin (2001) afirma que o rabino Moshe Feinstein sustenta a opinião de que os rabinos conservadores não conhecem suficientemente as leis de conversão. Mesmo quando as conhecem, eles não são cuidadosos quanto a agir de acordo com a lei. Ainda segundo Feinstein, a Corte Rabínica conservadora é desqualificada devido à falta de observância de vários mandamentos. Golinkin (2001) cita também o rabino Aaron Soloveitchik, segundo o qual até mesmo um rabino conservador piedoso está desqualificado para servir em um *Beit Din*, uma vez que ele faz parte do Movimento Conservador, uma confederação de pessoas más.⁴⁷ Finalmente, Golinkin (2001) afirma que o rabino J. David Bleich considera os membros dos Movimentos Conservador e Reformista “renunciadores”, comparando-os aos saduceus, samaritanos e caraítas.

Há também decisões lenientes de rabinos ortodoxos com respeito às conversões realizadas por rabinos reformistas e conservadores. Segundo Golinkin (2001), o rabino Eliezer Berkovits admite que os rabinos não ortodoxos trabalham para enriquecer e servir ao judaísmo e que a intenção deles também é em nome dos Céus. Suas transgressões são motivadas por enganos e não por más intenções. Assim sendo, eles podem servir como testemunhas e juízes. Ainda citado por Golinkin

(2001), o rabino Marc Angel sustenta que uma conversão realizada em consonância com a Lei Judaica deve ser aceita. Todos os elementos rituais devem estar presentes, quais sejam, a *tevilá* (imersão ritual) e a *milá* (circuncisão) e a seriedade do candidato, que também deve ser levada em conta. Uma vez que todos esses elementos existam, a conversão será aceita, independente do movimento ao qual esteja afiliado o rabino que a realizou.

Conclusão

Foi possível, por meio de uma revisão bibliográfica da história da conversão ao judaísmo da época talmúdica até a atualidade, obter uma melhor compreensão deste processo e reconhecer de que maneira este é resultado de uma realidade social, cultural, religiosa e política. Os modos como os Movimentos Ortodoxo, Reformista e Conservador lidam com seus processos de conversão e a maneira que cada um deles se relaciona com o processo de conversão conduzido pelos demais também é um componente para este entendimento. A ênfase está no modo como o Movimento Conservador articula este processo e como aceita as demais visões de como se tornar um judeu. Indiretamente, este estudo pretende ajudar a construir um processo ideal de conversão ao judaísmo.

É possível dizer que, em cada momento da História, dentro de um grupo ou entre diferentes grupos, nunca houve uma única resposta à questão de qual é o processo ideal de conversão ao judaísmo. Não houve um consenso sobre se permitir ou não a entrada de estrangeiros ao judaísmo. Ao longo da História, a conversão ao judaísmo poderia significar integrar-se a um povo ou tornar-se cidadão de um Estado. No Exílio, uma vez que o povo judeu vivia em uma terra estrangeira, tornar-se judeu não significava se unir a um grupo nacional, mas

mudar de religião. Durante o Período do Segundo Templo, uma pessoa podia se tornar judia na Diáspora ainda que jamais tivesse estado na Judeia.

Também podemos reconhecer momentos na História nos quais as conversões foram estimuladas, negadas ou inclusive forçadas. Durante os tempos bíblicos, por exemplo, a atividade organizada em busca de novos judeus não fazia parte do padrão religioso antigo, embora uma referência em Isaías 56:3 indique que já na Babilônia, no Exílio, houve muitos que foram atraídos para o judaísmo. Durante a reconstrução do Templo, foram feitos grandes esforços para se evitar casamentos entre os judeus e não judeus. No reinado do governador hasmoneu João Hircano (135-104 AEC), houve conversões forçadas de uma nação inimiga conquistada, os idumeus. Os fariseus e saduceus também tinham uma visão conflitante sobre o tema do proselitismo.

Uma vez que a única exigência na Bíblia para alguém se unir ao judaísmo era a circuncisão, provavelmente este foi o primeiro ritual de conversão. Naquela época, as mulheres se tornavam parte do povo ao se casarem com um marido judeu, sem qualquer cerimônia de conversão. Nenhuma fonte do Período do Segundo Templo se refere à imersão como um ritual de conversão, seja para homens ou mulheres. A imersão como ritual de conversão está conectada ao surgimento da possibilidade de que também as mulheres poderiam se converter ao judaísmo.

O *status* de um judeu e de um *guer* eram diferentes durante os períodos bíblico e talmúdico. Em certas comunidades os convertidos eram excluídos do exercício de cargos públicos e havia dúvida se poderiam servir como juízes em casos civis ou criminais. Por outro lado, podemos perceber um desejo de desenvolver uma atitude favorável em relação ao prosélito. Com o surgimento do cristia-

nismo, os rabinos passaram a insistir em um maior cumprimento da Lei em vez da simples aceitação da teologia e da ética porque ficou mais difícil de reconhecer os verdadeiros prosélitos ao judaísmo.

Podemos encontrar um extenso espectro de atitudes entre os escritos de *Chazal* – nossos sábios, de abençoada memória. Por um lado, a literatura tanaítica exibiu uma abordagem bastante positiva e favorável à conversão. Por outro lado, os *Amoraim* demonstravam mais hostilidade ao proselitismo. Não era possível classificar os rabinos e dividi-los em categorias tais como liberal-universal para aqueles que se expressavam a favor da conversão e do convertido e como particular-exclusivo para aqueles cujas afirmações eram contra a conversão e declaravam fatores negativos contra os convertidos. Quase sempre o mesmo rabino tinha opiniões diferentes, e às vezes conflitantes, sobre o tema.

Até mesmo a cerimônia de conversão tinha mais de uma versão. Na *beraita* em *Ievamot*, por exemplo, descreve-se uma cerimônia que não tinha qualquer referência a Deus e à eternidade da Torá. Na versão em *Guerim*, a cerimônia de conversão era um ritual de iniciação no qual as preocupações espirituais e teológicas eram evidentes.

Ainda que os Sábios discutissem se a circuncisão e a imersão ritual eram essenciais ao processo de conversão, não havia controvérsia sobre se ambos eram as *halachot* mais importantes conectadas à conversão. Também foi decidido que deve haver três pessoas do povo de Israel durante a imersão e que estas não precisariam ser especialistas. A mera persistência do candidato à conversão era compreendida como uma aceitação tácita da responsabilidade pelas *mitsvot*. O candidato também não deveria ser convertido caso rejeitasse um ou vários dos mandamentos; ele era proibido de ser convertido contra a sua vontade, e sua conversão era proibida se tivesse outras motivações. Há uma diferen-

ça, porém, entre os tratados de *Ievamot* e *Guerim*. Enquanto no primeiro não há a exigência de uma motivação positiva para a conversão e basta a falta de motivações negativas, em *Guerim* é exigida uma conversão “em nome dos Céus”.

Embora seja especificamente proibido, no tratado de *Guerim*, converter alguém com fins de matrimônio, atualmente esta é a razão mais popular para as conversões. No *Talmud* é possível encontrar algumas histórias que denotam opiniões diferentes entre os Sábios sobre este assunto.

As abordagens modernas à conversão às vezes também são conflitantes entre os movimentos religiosos e inclusive dentro dos próprios movimentos. Para o Movimento Reformista, já foi considerado apropriado que qualquer rabino aceitasse para o judaísmo toda pessoa inteligente e honrada sem qualquer rito de iniciação, cerimônia ou cumprimento do que quer que fosse. Mais tarde, os rituais de circuncisão e de imersão foram retomados juntamente com os estudos e a preparação do candidato. Finalmente, o Movimento Reformista recomendou que a conversão deveria incluir uma Corte Rabínica, imersão ritual e circuncisão ou *hatafat dam brit*. Em algumas congregações reformistas, o filho de um pai judeu é considerado judeu, sem conversão formal, desde que estude em um colégio judaico.

Para o Movimento Conservador, em um processo de conversão, são necessários um período de estudo sério, imersão, circuncisão ou *hatafat dam brit*, a aceitação dos mandamentos e a presença de um *Beit Din* com três participantes presentes. A Assembleia Rabínica do Movimento Conservador reafirma a descendência matrilinear. Aceitam-se conversões para fins de matrimônio na medida em que o candidato tenha desenvolvido um desejo sincero de abraçar o judaísmo no fim do processo.

O Movimento Ortodoxo exige circuncisão e

imersão, mas muitas vezes não insiste em um processo de estudos e de instrução sobre práticas religiosas judaicas básicas.

Podem surgir dilemas éticos quando um convertido decide passar para outro movimento. Uma congregação conservadora irá exigir *brit milá* (circuncisão, para os homens) e *tevilá* (imersão ritual) nos casos em que o convertido ainda não as tenha realizado. No entanto, nada pode ser dito a estes convertidos que os faça sentir que jamais foram judeus. Para o Movimento Conservador, qualquer pessoa convertida ao judaísmo é considerada judia para o propósito de ser enterrada em um cemitério judaico. O rabino Aaron Blumenthal defende a ideia de que todas as conversões “nas quais a boa fé do prosélito é demonstrada” devem ser reconhecidas. Exemplos de sua “boa fé” são matricular os filhos em uma escola judaica religiosa e fazer com que realizem os rituais de *bar mitsvá* no caso dos filhos ou de *bat mitsvá* no caso das filhas. O rabino Novak ensina que a imersão deve ser exigida em todos os casos. De acordo com alguns rabinos conservadores, um candidato à conversão está proibido de se recusar a cumprir qualquer *mitsvá* e exige-se dele que se sinta comprometido em geral com a Lei judaica.

Reflexões finais

Hilel e Shamaï, saduceus e fariseus, ortodoxos, conservadores e reformistas – como se pode aprender, no judaísmo as diferentes atitudes com relação à conversão constituem uma tradição de muitas gerações. Na época do *Talmud*, assim como em nossos dias, há grupos judaicos que impõem grandes dificuldades a quem quer se unir ao judaísmo. Esses obstáculos muitas vezes tornam impossível, para quem deseja sinceramente se tornar judeu, realizar o seu processo de conversão. Este é o caso das congregações ortodoxas na América do Sul, ao exi-

girem que todo candidato passe um longo período de tempo nos Estados Unidos ou em Israel, uma vez que a conversão não pode ser executada *in locum*. De acordo com Zemer⁴⁸, alguns rabinos tiraram proveito da expressão “conversão conforme a *Halachá*” para propósitos políticos e para não reconhecerem aqueles que foram convertidos por cortes rabínicas não ortodoxas.

Contudo, em toda geração havia um Hilel. Sempre houve grupos que entenderam que a tradição judaica aceita conversões e todo esforço deve ser feito para acolher aqueles que sinceramente querem ser levados para “debaixo das asas da Presença Divina”. A conversão deve ser vista como o início de um processo e não o seu fim. Conforme Hilel costumava dizer após a conversão de uma pessoa, “agora, vá e estude”.

O processo de conversão deve ser levado a sério, o que significa saber que é impossível aprender tudo sobre judaísmo em um ano (período médio da maioria dos processos de conversão). A preocupação do rabino que converte deve ser que o candidato abraçará o ideal de *Talmud Torá* e a congregação deve estar segura de que este ideal pode ser cumprido dentro da sua comunidade. Isto implica uma “conversão de toda a comunidade”⁴⁹, ou seja, que seus membros não devam se sentir os donos do judaísmo e isto os permita receber outros. Além disso, cria-se a prontidão para se crescer constantemente em conhecimento, espiritualidade e práticas. Nas palavras da Torá, a ideia é abandonar o “eu era um *guer*”⁵⁰ mas agora não sou mais, e substituir pelo eterno “eu sou *guer e toshav* entre vocês”⁵¹. Em outras palavras, reconhecermos que não somos possuidores do judaísmo mas, em vez disso, todos os dias nos convertemos de novo.

A situação sociológica atual do povo judeu é muito diferente daquela anterior ao século XIX dentro das paredes do Gueto. Naquele tempo, se

o rabino decidisse não converter alguém que quisesse se casar com um judeu, o casamento não aconteceria. Atualmente, o casamento irá acontecer independentemente da resposta do rabino, e esta é a razão pela qual é proibido para um rabino dizer não. De acordo com o rabino Isaac Herzog, Rabino-Chefe ashkenazí de Israel entre 1937 e 1959, “é óbvio que eles não irão se separar um do outro” (ZEMER, 1993). A consequência de uma resposta negativa para a comunidade judaica é a perda tanto do não judeu quanto do judeu – que, no melhor dos casos, terá apenas um casamento civil, ou será mais bem acolhido por outras comunidades religiosas.

Hoje em dia, a maioria dos candidatos que chegam ao rabino deseja se converter para fins de matrimônio. Porém, a pergunta deve ser se, depois das aulas com o rabino e da participação ativa nos eventos de comunidade, esta permanecerá sendo a única motivação. Nesse caso, a pessoa não deve não ser convertida devido a um fracasso do rabino, entre outras possíveis razões. Normalmente, depois de meses de intenso estudo e participação, o candidato ainda desejará se tornar judeu por causa do seu matrimônio, mas haverá muito mais do que isso. O processo deve incluir o candidato na comunidade e plantar nele o desejo de crescer constantemente.

Até mesmo Abraão, Isaac e Jacob teriam sido reprovados, segundo uma alegoria rabínica (*midrásh*), por se recusarem a aceitar Timna, da família de Esau, como uma convertida.⁵² Graças a este fracasso, Israel recebeu Amalek como seu inimigo mortal.

בעיא לאיגוריי, באתה אצל אברהם יצחק ויעקב
ולא קבלוה, הלכה והיתה פילגש לאליפז בן עשו.
אמרה: מוטב תהא שפחה לאומה זו, ולא תהא
גבירה לאומה אחרת. נפק מינה עמלק, דצערינהו
לישראל. מאי טעמא - דלא איבעי להו לרחקה.
רש"י: לרחקה - מתחת כנפי השכינה, שהיה להם לגיירה.

Com o desejo de se converter, ela veio até Abraão, Isaac e Jacob, mas não a aceitaram. Ela se foi e tornou-se concubina de Elifaz, filho de Esau. Disse: “Melhor ser serva para esta nação a ser senhora para a outra nação.” Dela descendeu Amalek, que afligiu Israel. Qual é o sentido? Pois não a deveriam ter *afastado*.

Rashi: *afastado* – de sob as asas da *Shechiná* (a Presença Divina), pois eles deveriam tê-la convertido.

É verdade que tudo o que foi descrito exige muito trabalho, energia e coragem. Talvez esta seja a razão pela qual alguns rabinos, em nossos tempos, preferem não se ocupar do assunto.

על הצדיקים ועל החסידים ועל זקני עמך בית
ישראל,
ועל פליטת סופריהם, ועל גרי הצדק ועלינו,
יהמו נא רחמדי,
?? אלהינו, ותן שכר טוב לכל הבוטחים בשמך
באמת,
ושים חלקנו עמך לעולם, ולא נבוש כי בך
בטחנו.
ברוך אתה יי, משען ומבטח לצדיקים.

Sobre os justos e sobre os piedosos e sobre os anciãos do Teu povo da Casa de Israel,
E sobre os sobreviventes dos Teus sábios, e sobre os convertidos por justiça e sobre nós,
Desperta a Tua bondade, Eterno nosso Deus,
Recompensa com o bem a todos os que confiam sinceramente em Teu Nome,
E nos estabeleça junto com eles para sempre,
Para que jamais sejamos envergonhados, pois em Ti confiamos.
Bendito sejas Tu, Eterno, que apoias e dás segurança aos justos.

NOTAS

1 Este texto foi traduzido do original em hebraico, por Uri Lam, do meu trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em estudos rabínicos, no Seminário Rabínico Schechter, em Jerusalem (Israel).

2 Constantino ordenou o confisco das propriedades e a expulsão daqueles envolvidos em proselitismo. Esta atitude pode ser identificada através das obras de Rutilio Numaciano, no século 5.

3 Esta fonte será discutida mais adiante.

4 T.B. Guitin 57b. De acordo com o tratado Eduiot 5:6, Akabiá ben Mehalalel foi excomungado e teve seu caixão apedrejado devido a um testemunho em desacordo com Shemaia e Abtalion. A expressão **דוגמא השקוה** não é clara e os comentários – sobre se a discussão foi motivada pelo fato de Shemaia e Abtalion serem descendentes de convertidos – são conflitantes. Rabi lehuda considera que Eliezer ben Chanoch é quem foi excomungado.

5 T.B. levamot 47 a-b

6 Tratado pós-Talmúdico Guerim 1:1.

7 Veja T.B. *Shabat* 31a

8 Tanchuma, ed. Buber, Lech Lechá 6 f., 32a.

9 Guerim 4:2, 4:3

10 Bamidbar Raba 8, 2.

11 T.B. Pessachim 87b

12 Enciclopédia Talmúdica, vol. 1 [Onaá], coluna 343. **שמג** אנציקלופדיה תלמודית כרך א, [אונאה] טור

13 T.B. levamot 109b, 47b

14 T.B. Nidá 13b

15 Efraim E. Urbach, *Chazal, Pirkê Emunot Udeot*. **ודעות** אפרים א. אורבך. חזל, פרקי אמונות

16 T.B. *Shabat* 33b

17 Mechilta de-Rabi Ishmael, Mishpatim, Parashá 18, p 311.

18 Em conversa pessoal com o autor deste artigo.

19 T.B. levamot 47a-b

20 Mandamentos sociais de proteção aos órfãos, viúvas, estrangeiros e pobres.

21 T.B. levamot 46a

22 T.B. levamot 46b

23 T.B. levamot 46b

24 Veja outras interpretações da passagem acima na *responsa* do rabino Novak e suas notas de rodapé.

25 Aceitação da responsabilidade pelos mandamentos (**קבלת עול מצוות**).

26 T.B. Bechorot 30b

27 Igrot Moshe Iorê Deá 3, 106

28 T.B. levamot 48a

29 levamot 2:8

30 T.B. levamot 47 a-b

31 T.B. Menachot 44a

32 T.B. *Shabat* 31a

33 T.B. levamot 24b

34 Guerim 1:3

35 levamot 24b e Avodá Zará 3b

36 T. Ierushalmi, Kidushin, Capítulo 4 Halachá 1

37 “Todo convertido por causa de uma mulher, por amor, ou por temor, não é um convertido”. (Pequenos Tratados, Guerim, capítulo 1 Halachá 3)

38 T.B. Avodá Zará 15b

39 P Kidushin Capítulo 4, Halachá 1

40 Para uma opinião diferente sobre se a criança está apta a anular a conversão, veja **כרך וי תשובות ועד ההלכה**, **עיימ** 267.

41 Baseado em David Golinkin, *Conservative Judaism* 54/1 (Outono, 2001). Refere-se à situação nos Estados Unidos no século XX.

42 Na resposta do rabino Louis não há informações sobre a identidade do Doutor Birnbaum.

43 Rabino Louis Ginzberg. *The Responsa of Prof. Louis*

Ginzberg, editado por David Golinkin. Nova York e Jerusalém, 1996. Para uma resposta muito semelhante, ver Rabino Louis Ginzberg e David Golinkin, 'Four New Responsa by Professor Louis Ginzberg'. *Conservative Judaism* 52/4 (Summer 2000), p. 18-20.

44 T.B. levamot 46a

45 T. Ierushalmi, Kidushin, Capítulo 3, Halachá 12

46 Para outra análise sobre a mesma discussão, ver Cohen (1999, p. 219-221). Segundo ele, a visão atribuída a Rabi lehoshua no *Talmud Bavli* pode ter sido inventada em favor da simetria literária.

47 T.B. Sanhedrin 26a (קשר רשעים)

48 Moshé Zemer, Halachá Shfuiá (הלכה שפוייה)

49 Rabino Shlomo Fox, durante conversa pessoal.

50 "E ela deu à luz um filho e chamou seu nome Guershom, pois disse: *Eu era guer (morador) em terra estrangeira*" (Êxodo 2:22)

51 "*Eu sou guer (morador) e toshav (habitante) entre vocês. Concedam-me um terreno para sepultura e enterrarei minha morta diante de mim*" (Gênesis 23:4)

52 T.B. Sanhedrin 99b

REFERÊNCIAS

AVRAHAM, Efraim. *Hazal, pirkei emunot vedeot* (Sábios do Período do Talmud – sua fé e suas crenças) (em hebraico). Jerusalém: Universidade Hebraica de Jerusalem, 1978.

BLUMENTHAL, Rabino Aaron. 'Converts of Questionable Status' in GOLINKIN, David (ed.). *Proceedings of the Committee on Jewish Law and Standards of the Conservative Movement 1927-1970*. Jerusalem: The Institute of Applied Halakha at the Schechter Institute of Jewish Studies, 1997.

BOHNEN, Rabino Eli. 'Converts of Questionable Status' in GOLINKIN, David (ed.). *Proceedings of the Committee on Jewish Law and Standards of the Conservative Movement 1927-1970*. Jerusalem: The Institute of Applied Halakha at the Schechter Institute of Jewish Studies, 1997.

COHEN, Shaye J. D. *The Beginnings of Jewishness: boundaries, varieties, uncertainties*. Berkeley, CA: University of California Press, 1999.

ENCYCLOPEDIA TALMUDIT. Arquivo eletrônico – Projeto Bar Ilan

GINZBERG, Rabbi Louis. 'Four New Responsa by Professor Louis Ginzberg' in GOLINKIN, David. *Conservative Judaism* 52/4 (Summer 2000).

FRIEDMAN, Rabino Tuvia. *Beer Tovia (Poço de Tuvia) (em hebraico)*, Jerusalém, 5752 [1992].

GOLINKIN, David (ed.). *The Responsa of Prof. Louis Ginzberg*. New York: Jewish Theological Seminary of America (JTS Press), 1996.

____ (ed.). *Proceedings of the Committee on Jewish Law and Standards 1927-1970*. Jerusalem: The Institute of Applied Halakha at the Schechter Institute of Jewish Studies, 1997. 3 v _____. *Conservative Judaism* 54/1 (Outono 2001).

HOENIG, Sidney B. 'Conversion During the Talmudic Period' in EICHHORN, David Max (ed.). *Conversion to Judaism, a History and Analysis*. Ktav Publishing House Inc., EUA, 1965.

KIRSCHBAUM, Saul et al. *Transliteração do hebraico para leitores brasileiros*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

KLEIN, Isaac. *A Guide to Jewish Religious Practice*. New York and Jerusalem The Jewish Theological Seminary of America, 1992.

NOVAK, Rabbi David. *The Status of Non-Halakhic Conversions*, in *Proceedings of the Committee on Jewish Law and Standards 1980-1985*. Nova York: 1988.

SONCINO. Tradução do Talmud da Babilônia (em inglês), Edição Eletrônica.

ZEMER, Moshe. *Halacha Shfuiá* (Lei Judaica Sã) (em hebraico). Tel Aviv: Dvir, 1993.

ZOHAR, T; SAGUI, A. *Guiur Vezehut lehudit – Jun Beiesodot Hahalacha* (Conversão e identidade judaica – Imersão nas bases da Lei) (em hebraico). Jerusalem: Bialik 1997.

Recebido em 16/12/2011

Aceito em 23/01/2012